

## Humanidade, tempo e transcendência: O legado cultural de Stan Lee (1922-2018)

Renato Ferreira Machado<sup>1</sup>

Gelson Vanderlei Weschenfelder<sup>2</sup>

Thiago Soares Arcanjo<sup>3</sup>

Ao longo da segunda metade do Século XX e das primeiras décadas do Século XXI as histórias em quadrinhos de super-heróis se tornaram uma das mídias mais populares e referenciais para a cultura ocidental. Representando o ser humano em todas as suas potencialidades, bem como em todas as suas perversidades, os super-heróis exercitam uma transcendência da condição ontológica e as narrativas por eles protagonizadas podem ser compreendidas como narrativas simbólico-mitológicas dos tempos em que foram produzidas. Nesse sentido, o universo ficcional criado e organizado por Stan Lee apresenta características que se tornaram referenciais para a superaventura e para as adaptações da Nona Arte para mídias como cinema e televisão.

Nascido em Nova Iorque, no ano de 1922, Stanley Martin Lieber era filho de judeus imigrantes da Romênia. Em 1939, Lieber ingressa na Timely Comics como assistente. Trabalhando com os quadrinhos e publicações de Pulp Fiction da época, ele publica seu primeiro conto no terceiro número de Capitão América, junto a Jack Kirby, que seria seu maior parceiro criativo na Marvel, adotando, pela primeira vez, o pseudônimo de Stan Lee. Ele se torna editor-chefe da Timely em 1941 e, de certa forma, permaneceu neste cargo até a década de 1970, tendo todo comando criativo das revistas que a editora publicava. A Timely muda seu nome para Atlas Comics na década de 1950 e passa a ser chamada oficialmente de Marvel apenas em 1961, com a publicação da primeira revista do Quarteto Fantástico. É importante saber que, inicialmente, a editora em que Lee trabalhava e mais tarde viria a liderar, não publicava apenas revistas de super-heróis. Sua linha editorial era bastante variada e seguia as tendências de cada época, com histórias de terror, do Velho Oeste, romances e, à semelhança daquela que viria a ser sua principal concorrente, a DC Comics, também publicava algumas aventuras protagonizadas por superseres. Estas histórias apresentavam tramas ligadas à Segunda Guerra Mundial e apresentavam personagens como Namor e o primeiro Tocha Humana, além do próprio Capitão América. A grande virada conceitual da editora vai acontecer exatamente na época em que os quadrinhos de super-heróis estavam em baixa.

O acirramento da Guerra Fria, principalmente nas décadas de 1950 e 1960 levou a um verdadeiro período de paranóia anticomunista e perseguição política nos Estados Unidos. Este clima político se concretizou de várias formas, mas foi naquilo que ficou conhecido por Macartismo que mais se percebeu a tomada de ações internas contra possíveis agentes subversivos do comunismo infiltrados em território norte-americano. Um dos principais alvos dessas ações acabou sendo o meio cultural e artístico, onde

---

1 Doutor em Teologia, professor no PPG em Memória Social e Bens Culturais, Coordenador da Área de Educação e Cultura e do curso de Teologia da Universidade La Salle. E-mail: [eenato.machado@unilasalle.edu.br](mailto:eenato.machado@unilasalle.edu.br).

2 Doutor em Educação, Pós doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade LaSalle. E-mail: [gellfilo@terra.com.br](mailto:gellfilo@terra.com.br)

3 Mestre em História, graduado em História. E-mail: [thiago.arcanjo301@gmail.com](mailto:thiago.arcanjo301@gmail.com)

se promoveram perseguições a artistas, roteiristas, escritores e outros profissionais do meio. Aconteciam boicotes a autores, obras e filmes, seguidas de acusações criminais por parte do governo dos Estados Unidos. No campo das histórias em quadrinhos, o caso mais notório foi o da campanha promovida a partir do livro “A Sedução do Inocente”, do psiquiatra alemão Fredric Werthan. Discutindo supostas más influências que a leitura de histórias em quadrinhos poderia ter sobre crianças e adolescentes, a obra de Werthan desencadeou uma verdadeira campanha moralista nos Estados Unidos. As grandes prejudicadas foram as editoras que trabalhavam com histórias de terror, sendo que muitas delas acabaram encerrando suas atividades na época. Paradoxalmente, foi exatamente essa perseguição aos quadrinhos que reavivou o gênero super-heróico. Apesar de também criticar os super-heróis em sua obra, Werthan centrou seu conteúdo nas histórias policiais e de terror. Se os super-heróis entraram em baixa após a Segunda Guerra Mundial - que era o principal cenário de muitas aventuras - o moralismo norte-americano do pós-guerra acabou abrindo espaço para o interesse por personagens que pudessem simbolizar sentimentos como patriotismo e a própria moral social cultivada naquele país. De certa forma, pode-se dizer que foi este ambiente que deu origem ao período conhecido como Era de Prata dos Super-Heróis. Talvez seja esta a época que ainda hoje alimenta muito do imaginário e da memória a respeito desses personagens, com super-heróis apresentados como personagens de moral inabalável, que defendem instituições sociais como governo e família sem questioná-las e tem como opositores supervilões que são sempre o exato oposto disso. Pode-se dizer que a retomada dos quadrinhos de super-heróis tem seu marco inicial com a reformulação do Flash, da DC Comics, na revista Showcase nº4, de 1956. Foi este o momento em que a Timely / Atlas resolveu retomar sua produção de histórias protagonizadas por superseres e Stan Lee foi incumbido de criar uma equipe de super-heróis que pudesse concorrer com a Liga da Justiça. Com a criação do Quarteto Fantástico, que teve seu primeiro número lançado em 1961, Lee lançava os alicerces que caracterizariam os super-heróis dali em diante, não apenas na Marvel. Estas características, arquitetadas nos roteiros e editorações de Stan Lee, acabariam se tornando arquetípicas para quaisquer criações neste campo, nas mais diversas mídias. A importância de Stan Lee se estende para a Cultura Pop em geral, ao definir parâmetros universais na elaboração de super-heróis e, com esses parâmetros, ressignificar estes personagens através dos tempos e conferir-lhes a importância que eles têm até hoje. Por isso, é importante conhecermos e compreendermos estas características.

O Universo Marvel é marcado por três questões peculiares: as aventuras ocorrem em um universo compartilhado entre personagens de diferentes revistas em quadrinhos, o tempo tem efeito sobre os personagens e todos os super-heróis apresentam uma faceta humana que extrapola a simples “identidade secreta”. As três características colocam personagens de natureza extremamente fantasiosa sob o jugo da racionalidade e da verossimilhança, aproximando-os de maneira inusitada do leitor e, atualmente, do espectador de cinema. Ao colocar todos os personagens em um único universo, a Marvel elabora uma expectativa realista para suas histórias, mostrando que as atividades de um super-herói pode repercutir positiva ou negativamente entre seus pares, com alguns personagens angariando aliados e outros sendo perseguidos e se tornando párias uniformizados, com ou sem super-poderes. Ao desenvolver narrativas ordenadas cronologicamente, a Marvel precisa apresentar seus personagens lidando com as consequências de seus atos, bem como mostrá-los em constante processo de amadurecimento, com mudanças de postura, uniformes e poderes, superando o paradigma da imutabilidade super-heróica. Finalmente, ao destacar as características humanas dos superseres, a Marvel desconstrói a narrativa da identidade secreta, mostrando que a “vida comum” de um super-herói é sua verdadeira vida e não o contrário. Isso tem um efeito reverso sobre o leitor, que identifica uma dimensão transcendente no mais rotineiro cotidiano.

Esta construção ficcional que ele elabora acaba se tornando o padrão de todos os quadrinhos de super-heróis e aqui é interessante perceber como a editora-berço deste gênero de personagem - a DC - acaba

moldando seu universo de personagem à imagem do que a Marvel já fazia. Por isso, hoje, temos também cronologia e um universo compartilhado na casa do Superman e do Batman. E mais: a grande novidade cinematográfica do MCU nada mais é do que a transposição das noções de cronologia e humanização de personagens segundo o padrão estabelecido por Lee. E isso tudo parece estar sintetizado no próprio termo “Marvel”, que significa, em língua portuguesa, algo próximo a “maravilha” ou “milagre”. Assim, se os personagens da Marvel são dotados de superpoderes ou habilidades acima do comum, o fato de suas histórias acontecerem em lugares reais como Nova Iorque passa a impressão de que se pode cruzar com estes personagens na rua a qualquer momento. Mais do que isso: que os habitantes desta mesma cidade podem ser portadoras de superpoderes e que nós ainda não percebemos isso. Essa interface com a realidade, alimentada a cada história que acompanhamos destes personagens, alimenta empatias e atitudes solidárias na percepção do outro como alguém especial e de si como alguém que pode fazer algo para melhorar a realidade. Certamente muito dessa visão deve vir da mística judaica, de quem Lee é herdeiro, segundo a qual a ação milagrosa de Deus se dá no tempo e na história, estando sempre aberta à nossa participação. E o mais importante é que a radical humanização dos super-heróis da Marvel os tornam partícipes de nossos dilemas e batalhas do cotidiano. A abertura narrativa e ficcional da Marvel é uma ponte com o presente e o futuro do leitor, vide toda ampliação de representatividade étnica e de gênero que vem sendo abraçada há algum tempo pela editora. O universo ficcional da Marvel é inescapável à realidade.

Por tudo isso, Stan Lee, ao transformar tão radicalmente as narrativas dos quadrinhos de super-heróis, deixa um legado cultural equiparável ao de Walt Disney. No lugar de animais falantes e princesas encantadas, porém, monstros, deuses, mutantes e heróis que, no fundo, são apenas pessoas como nós.

Nessa última edição do ano, o primeiro estudo, intitulado ‘El método Marvel. Stan Lee y la transformación del proceso productivo de los cósmic’, mostra que a indústria de quadrinhos em seu início, a sua produção era igualmente ao processo de uma linha de montagem. Com Stan Lee, na década de 1960, a Marvel Comics, ganhou popularidade graças ao seu novo sistema de produção: o método Marvel, uma nova maneira de trabalhar garantiu uma grande liberdade criativa para a equipe artística. Neste, são analisadas as declarações de diferentes pessoas que trabalharam como pessoal criativo da Marvel, procurando em suas palavras uma definição do que realmente era o método Marvel e como os funcionários do editorial se sentiam a respeito. Já o segundo artigo, intitulado ‘Altivos Aliados de Stan Lee: Jack Kirby e Steve Ditko na revolução dos quadrinhos da Marvel na década de 1960’, traz características temáticas e formais presentes nas histórias em quadrinhos do período conhecido como Era de Ouro, bem como rupturas estéticas surgidas em consequência ao Comic Code Authority, que levou ao desenvolvimento de um novo estilo conhecido como Era de Prata. São abordadas as convenções estabelecidas por uma primeira onda de autores vinculada à National Comics e seu posterior desenvolvimento por uma segunda onda no surgimento da Marvel Comics ao redor de Stan Lee e a importância de Jack Kirby e Steve Ditko nesta produção.

Falando em produção, tendências e mercado, o terceiro artigo, intitulado ‘Stan Lee, o criador de tendências: super-heróis e a cultura jovem nos anos de 1960’, explora os jogos de mercado presentes nas estratégias de comunicação de Stan Lee e da Marvel. Também expõe como Stan se aproveitou da cultura da juventude em ebulição nos anos 1960 para criar tendências e se beneficiar das modas que estavam surgindo. Enquanto as agências de publicidade se debatiam para tentar entender o público jovem, que queria romper tanto com a infância quanto com os adultos quadrados, Stan Lee enchia plateias de universidades e era aplaudido por estudantes, com o seu carisma, Stan Lee, se aproximou de um status de líder visionário, capaz de manipular símbolos e mitos modernos e transformá-los numa espécie de culto, através das narrativas super-heróicas.

Como o gênero de superaventura enfrentou a transformação a mais significativa desde a criação do Superman em 1939, com uma nova era de super-heróis, na qual os personagens engraçados para crianças se tornam mais sombrios, violentos, brutais, mais e mais realistas, desencantados e adultos, a partir dos anos de 1980? Essa nova era, chamada por muito de Idade das Trevas nos quadrinhos, onde o anti-herói substitui o super-herói. Esse é o tema do quarto estudo, ‘Stan Lee Revolution Marvel’s Superheroes as an anticipation of the Dark Age antiheroes’. A Idade das Trevas é considerada a maior revolução nos quadrinhos de super-heróis, e ainda é possível ver muitos sinais de alerta durante a Idade da Prata: um homem, já havia começado a revolucionar o mundo dos super-heróis: Stan Lee.

Seria possível utilizar quadrinhos da Marvel para ensinar ciências em sala de aula? As possibilidades nos quadrinhos são imensas, já diria Stan Lee. Nesse artigo, intitulado ‘Stan Lee, o Quarteto Fantástico e a evolução da divulgação científica nas histórias em quadrinhos de super-heróis: Possibilidades para uma aula de ciências’, apresenta uma análise da evolução da divulgação científica nas histórias em quadrinhos de super-heróis, com foco no Quarteto Fantástico (criado por Stan Lee em 1962). A possibilidade de uso da leitura deste material em aulas de Ciências é abordada a partir do trabalho de Zanetic (1989), com o objetivo de analisar seu potencial de uso como ferramenta capaz de apresentar aos alunos uma visão diferenciada dos conceitos científicos.

O sexto estudo, desse dossiê, com o título ‘Stan Lee e Homem – Aranha: compreendendo as teias de significado entre autor e criação, a luz dos estudos culturais’, evoca algumas das experiências de vida de Stan Lee com fatos e acontecimentos retratados na narrativa dos quadrinhos do Homem-Aranha. Pretende-se demonstrar como os quadrinhos expressam a relevância das vivências do autor junto a construção da narrativa. As situações e dilemas enfrentados por ambos – Stan Lee e Homem-Aranha – podem também ser encaradas como alegorias ou metáforas pertinentes a vida dos leitores dessas histórias em quadrinhos. Já no artigo, ‘O lugar social de Stan Lee nos EUA, durante a Guerra Fria: Um estudo de caso a partir do primeiro quadrinho do Homem de Ferro’, traz a contribuição de Lee, para o cenário quadrinístico e a cultura pop na segunda metade do XX e início do XXI. Entretanto, ao pensarmos o seu lugar social nos EUA durante a Guerra Fria, verifica que os seus personagens representavam ideais alinhados aos interesses de sua nação em oposição ao “avanço socialista pelo mundo”. Nesse cenário, Stan Lee produziu discursos e os representou por meio dos super-heróis que criou e/ou ajudou a criar com a Marvel Comics, os quais obedeciam aos pressupostos de sua comunidade discursiva. Sendo assim, objetivamos analisar a sua contribuição para o desenvolvimento e a difusão do capitalismo e da liberdade estadunidense por meio da primeira aventura do Homem de Ferro, a qual pretendia fomentar a luta contra a “tirania e a opressão” do socialismo na Guerra do Vietnã, em meados da década de 1960.

O último artigo desse dossiê, vai trazer a busca de expor as contribuições de Stan Lee para o legado do Capitão América, articulando-as com elementos de sua biografia e história dos Estados Unidos. O Capitão América foi criado em 1941 por Joe Simon e Jack Kirby, mas, no entanto, Stan Lee que desempenha um papel fundamental para a relevância e permanência do personagem, sob o título ‘Stan Lee e o legado do Capitão América’.

Já no fluxo contínuo da revista, nesta edição temos dois artigos: o primeiro sob o título ‘a colonização por princípio: A memória de Antônio Fialho de Vargas no município de Lajeado/RS’, traz a história de Antônio Fialho de Vargas um empresário que fundou a Colônia dos Conventos. Atualmente, o território que constituía esta colônia faz parte do município de Lajeado/RS, o qual se utiliza da atuação deste e da fundação da referida colônia como o início da história do município, glorificando a elite local do período imperial e os imigrantes. O objetivo desse estudo é discutir o processo de construção da memória de

Antônio Fialho de Vargas que ocorreu no município de Lajeado/RS, tendo em vista a invisibilização da diversidade cultural local. Já o segundo artigo, o uso da música em ambiente escolar, mas exato, 'Personagens nas músicas de Raul Seixas: possibilidades educacionais, nos traz, que o processo educacional tem sido questionado atualmente, em grande parte devido ao pouco interesse despertado no aluno e ao modelo de educação focada na transmissão de conteúdo. Desta forma, com o intuito de contribuir com uma educação mais rica a partir do diálogo com expressões culturais, esse estudo busca identificar as possibilidades de utilização das músicas de Raul Seixas em situações de aprendizagem, tendo como referência os diversos personagens que aparecem nas letras das músicas desse compositor. O presente estudo faz uma análise de conteúdo das letras das músicas, identificando a ocorrência de personagens históricos, religiosos, fictícios e do mundo das artes, levando em conta o contexto em que são inseridos, com objetivo de identificar a possibilidade de usos na educação.

Com este número da Diálogo, encerramos o ano de 2019. Em primeiro lugar, expressamos nossos votos de que a celebração do Natal renove no coração de nossos leitores, autoras, Conselho Editorial e pareceristas, a esperança de que é possível superar as muitas angústias, temores, ameaças e sofrimentos que vivemos nesses tempos de escuridão. A luz que nos chega da manjedoura de Belém, da criança que ali nos nasceu, aquece, reconforta e anima. Desejamos que a festa do novo ano, renove nossas combatidas esperanças de, como povo brasileiro, convivermos em uma nação mais democrática, pacífica, honesta e trabalhadora. Diante da complexa conjuntura nacional e mundial que se abre em 2020, nos parece salutar lembrar tanto essa antiga tradição espiritual do cristianismo, quanto esses valores morais da tradição republicana.

Feliz Natal e bom Ano Novo a todas e todos nós.